

Salteadores de comboios apresentados à população

• **Esvaziado vagão com cerca de 500 sacos de milho**

por Benjamin Faduco

N. 30/9/82

Um grupo de 15 indivíduos foi ontem apresentado publicamente em Chimbucutsa, Manhica, acusado de estar envolvido em diversos assaltos aos comboios de mercadorias que se têm vindo a registar ultimamente ao longo da Linha do Limpopo e não só, na Província do Maputo. O grupo foi detido na sequência do último assalto registado na passada segunda-feira, que culminou no roubo de cerca de 500 sacos de milho, vindo do Zimbabwe. Os implicados encontram-se detidos na sede distrital da Manhica e serão enviados a tribunal.

No mesmo encontro foram apresentados também outros três indivíduos, sendo estes a tripulação de um comboio, cujo produto (milho) foi saqueado em princípios de Julho último, na mesma linha do Limpopo.

Os três indivíduos (maquinista, fogueiro e condutor), são acusados de estarem envolvidos na venda ilegal de produtos que transportavam. Os acusados aguardam o seu julgamento no Tribunal Distrital da Manhica.

São eles: Leopoldo Carlos dos Santos (maquinista), Abdul Satar Karimo (fogueiro) e Samuel Elias (condutor), todos da Empresa CFM-Sul e residentes na cidade de Maputo, até à data da sua detenção.

Na sequência do assalto ao comboio de mercadorias, no passado dia 20 do corrente mês, foi ainda apresentado na reunião de ontem, António Alberto Libombo, capataz de Via, acusado de convivência naquele crime.

TENTATIVA DE DESCARRILAMENTO SEGUIDO DE ASSALTO

O assalto ao comboio de mercadorias, na passada segunda-feira, que culminou no roubo de 500 sacos de milho vindo do Zimbabwe, foi precedido por uma tentativa de descarrilamento da composição, que felizmente não surtiu efeito.

Segundo relatou à nossa Reportagem, Jonas Lote Mulate, maquinista do comboio assaltado, a intenção dos assaltantes era a de descarrilar a composição, de modo a tornar o roubo uma consequência do descarrilamento.

Assim, o referido comboio que circulava com o n.º 1050/1, vindo de Magude, com destino a Maputo, caiu repentinamente na segunda via (linha de cruzamento), quando chegou ao Círculo de Chimbucutsa. Isto cerca das 19 horas do dia 20 deste mês.

Quando o maquinista se apercebeu de que a sua composição se desviara repentinamente para a segunda via (apenas reservada a cruzamentos) agiu desesperadamente para parar a máquina, o que conseguiu com bastante esforço, correndo o risco de descarrilar ou até mesmo de tombar toda a composição.

É que o maquinista circulava pela via principal, uma vez que não tinha qualquer aviso de cruzamento naquele local. E eis que de repente a sua máquina é desviada para a segunda via.

A composição circulava a uma média de 50 km/h, pelo que se pode imaginar o esforço que o maquinista não fez para fazê-la parar a uma distância de pouco mais de 200 metros (linha de cruzamento).

Averiguações feitas após o incidente permitiram concluir que os assaltantes tinham virado deliberadamente a agulha, fechando assim, a via principal. Tudo isto para levar o comboio a desviar da sua rota e, daí, descarrilar ou simplesmente parar, como foi o caso, por o maquinista ter notado que estava a circular fora da via principal.

OUTRA FACE DO BANDITISMO

Pela natureza da acção e de todo o seu aparato, a onda de assaltos que têm estado a esvaziar largas toneladas de cereais bem como de açúcar e outros produtos, dos comboios de mercadorias, apresenta-se como outra face do banditismo sob

os mais variados pretextos.

É que os indivíduos que assaltam os vagões estão sempre munidos de instrumentos como catanas, azagaias, paus e cutelos, que, genericamente se podem considerar de armas perigosas.

Na noite do último assalto, segundo contou-nos o maquinista do referido comboio, quando este se viu obrigado a parar, de imediato um numeroso grupo de indivíduos introduziu-se num dos vagões tirando to-

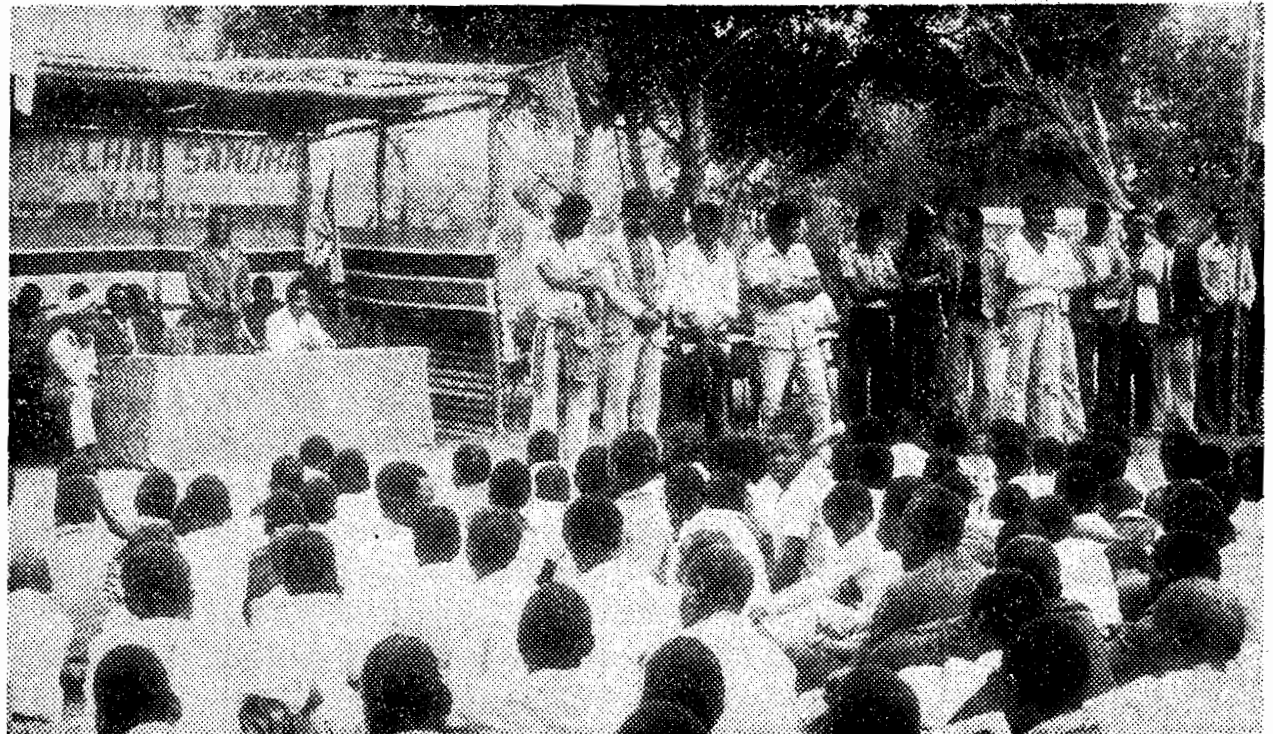
dos os sacos de milho que ali se encontravam.

Apesar dos apelos do maquinista e do seu colega condutor estes de nada valeram senão receber ameaças em resposta por parte dos assaltantes. Foram alertadas as autoridades policiais da Manhica, mas quando chegaram ao local, que dista cerca de 10 quilómetros, os ladrões já se tinham retirado com o produto do roubo.

É curioso frisar que os mesmos vagões haviam já sido assaltados antes de chegar a Magude, pelo que de milho já vinham meio carregados. No primeiro assalto, a tripulação que levava o comboio era diferente da do segundo assalto, que se registou dias depois, já que os vagões carregados chegaram a Magude depois do primeiro assalto.

Só que no dia que seguiam para Maputo foram novamente assaltados. Um dos quatro vagões que seguiam na composição ficou completamente esvaziado do seu conteúdo.

Em próxima edição daremos mais pormenores sobre esta onda de assaltos aos comboios que não acontecem somente na Linha do Limpopo.



Aspecto geral da reunião vendo-se de pé, alguns dos 15 implicados no assalto da última segunda-feira. (Foto de César Bila)